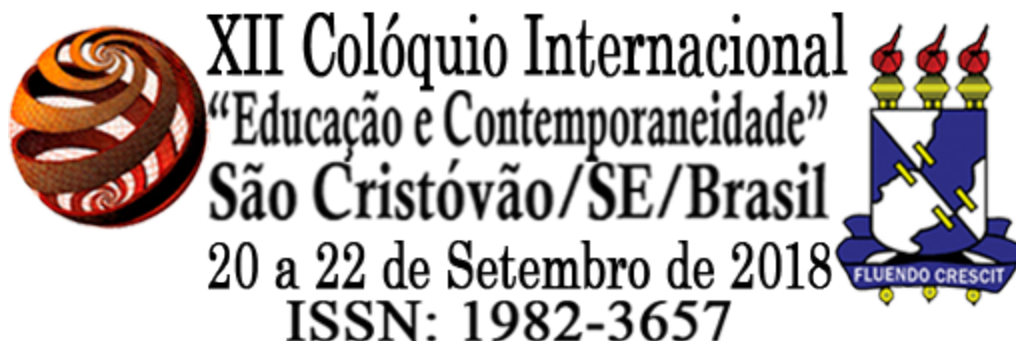




Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
05/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E FAMÍLIA: MARCAS CONSTITUTIVAS DO SER HUMANO ALÉM DO TEMPO

ANA LISE COSTA DE OLIVEIRA SANTOS

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO: Esta comunicação discute as relações entre juventude, família e escola, a partir de um relato de experiência ocorrido em um estabelecimento de ensino médio privado em Riachão do Jacuípe, Bahia. Enfatizamos aqui o destaque de jovens estudantes em mais um evento entre famílias e escola. Desse modo, através de grupo focal, identificamos diferentes sentidos apontados pelos jovens na relação pedagógica com o saber vivenciado: pertencimento, união, diversidade, amor além do tempo, destacando o vínculo família-escola como elemento formador da personalidade juvenil. Logo, evidenciamos a necessidade do contexto educativo ressignificar-se como espaço de formação identitária da juventude.

Palavras-chave: Juventude. Identidade. Família e escola.

ABSTRACT: This paper discusses the relationships between youth, family and school, based on an experience report in a private high school in Riachão do Jacuípe, Bahia. We emphasize here the highlight of young students in another event between families and school. In this way, through a focus group, we identify different meanings pointed out by young people in the pedagogical relationship with the knowledge experienced: belonging, union, diversity, love beyond time, highlighting the family-school bond as a formative element of the youthful personality. Therefore, we highlight the need for the educational context to be re-identified as a space for the identity formation of youth.

Keywords: Youth. Identity. Family and school.

INTRODUÇÃO

Juventude, família e escola: vínculos jacuipenses em debate. Este é o tema do presente artigo, que se insere em evidência no XI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Objetivamos, neste estudo, discutir o papel da escola na formação identitária da juventude, tomando como base uma experiência exitosa ocorrida em uma unidade escolar do ensino médio privada, situada no bairro Barra do vento, no município de Riachão do Jacuípe no semiárido baiano.

A juventude contemporânea brasileira vive em um tempo de riscos e incertezas e, ao mesmo tempo, a esperança de que dias melhores virão. A despeito da crise moral, ética, política e econômica, dentre outros aspectos, que tem afetado nosso país recentemente, cremos que a juventude quer e anseia viver com dignidade, manter seus vínculos afetivos e, por meio deles, constitui-se como pessoa, em destaque, aqui, a escola e a família, para formar-se e amadurecer enquanto pessoa humana.

Considerando essa realidade, a juventude atual se vê diante do fato de constituir-se identitariamente num mosaico de possibilidades. Pensando nisso, nossa temática toma por base, como estratégia de enfrentamento a essa demanda

atual, a realização do evento Dia da família na escola, já somando a sua sexta edição. Assim, sob o tema “Família: amor além do tempo” o evento foi realizado na última semana de abril do corrente ano, contando com a participação de gestores, professores, estudantes, pais e comunidade escolar, perfazendo um total de 300 participantes.

Diante dessa breve caracterização do evento, nos sentimos motivados triplamente a escrever sobre o assunto, como pais, pedagogos e pesquisadores. E, com isso, problematizamos: a escola ao aproximar a juventude e a família estaria promovendo formação identitária de seus estudantes. No intento de responder a tal questionamento, nos debruçamos em dialogar com a temática investigada, cujos resultados serão discutidos a seguir.

JUVENTUDE, FAMÍLIA E ESCOLA: VÍNCULOS JACUIPENSES EM DEBATE

O nosso tempo é um tempo de “que fazer”, no qual não podemos nos furtar de buscar entender a dinâmica que perfaz a juventude contemporânea nos caminhos de sua maturidade. Nesse percurso vivencial dois caminhos se entrecruzam: família e escola. São vários os estudiosos que se debruçam ao longo das décadas para tematizar a juventude, sua relação com o saber e seus processos identitários constitutivos, a exemplo de Charlot (1996;2000, 2014), Sarti (2004;2008) e Carvalho (2012).

Buscamos tematizar, aqui, os sentidos atribuídos pelos jovens diante da vivência de mais um ano de encontro de famílias na escola, tendo esta como ponto culminante de expressão sociocultural na prática pedagógica do espaço escolar investigado. Por meio da sessão de grupo focal realizada com cinco estudantes da 1ª a 3ª séries do ensino médio, tomando como base a análise de conteúdo de Bardin (2009), encontramos os seguintes destaques: conceito juvenil de família; os jovens e a família *na* e *da* escola.

No tocante ao conceito de família percebemos que várias foram as representações desta no dizer dos jovens. Prevalece entre eles uma visão mais psicológica do que biológica, o que implica que, entre os jovens, a família se constrói com as relações, vai além da genética que os une. A família tradicional é a célula da sociedade, mas eles reconhecem que os sentimentos que os une é que caracteriza uma união familiar. Assim dizem:

A família pra mim são meus pais em primeiro lugar, mas aprendi que também é conhecendo um pouco mais e onde tem reciprocidade de sentimentos, como, por exemplo, a vontade de estar juntos, a união. (Bibi, 3ª série, 17 anos).

Família é clichê, é a base, é apoio que você tem pra sempre, independente de ser parente de sangue ou não. (Vick, 3ª série, 17 anos).

O fato desses jovens expressarem que família vai além do código genético demonstra que eles compreendem o conceito de família, para além de uma base biológica de reprodução, isto é, o nascimento, o acasalamento, o crescimento, o envelhecimento. Sarti (2004) sinaliza que é comum se pensar na base familiar a partir desse olhar biológico, mas que precisamos evoluir de mentalidade e considerarmos outros critérios como as relações humanas advindas do contexto social. E ainda acrescenta que necessitamos evoluir para além da autoreferência nas abordagens da família, tanto na reflexão teórica, quanto nas ações dela decorrentes.

Mais adiante, dois jovens acrescentam sua visão de família apresentando uma ideia mais psicologizante e menos consanguínea e biológica. Esse pensamento ratifica uma necessidade constante de busca do outro para formar sua própria identidade, como se pode ver: “família pra mim é união, desentendimento também, enfim ter alguém pra contar” (Duda, 16 anos, 2ª série); “Família é cumplicidade, respeito, alguém pra se espelhar, alguém pra confiar, para aprender com os erros e mesmo nas dificuldades a família não nos abandona” (Davi, 15 anos, 1ª série).

De modo particular, o jovem estudante Pedro Lucas, 17 anos, 3ª série, acrescenta: “Família pra mim é aquela em que eu nasci e que, com o tempo, a gente vai somando com aqueles que a gente tem afinidades. Defendo a minha família, e sei que posso ir além do tempo.” Essa ideia muito singular demonstra o grau de maturidade do jovem em se perceber nascido de uma unidade familiar, querer preservá-la e ao mesmo tempo acreditar nas relações que se constroem ao longo do tempo em outras instâncias sociais.

Os depoimentos acima denotam uma aproximação de uma visão de família que considera as relações humanas como ponto fundamental para sua constituição. Vamos ao encontro de uma abordagem de família como um universo de relações, que se delimita pela história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por

palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por eles, reproduzida e ressignificada, à sua maneira, dados os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família.

Crescer significa precisamente poder relativizar as referências familiares, desnaturalizando-as, o que permite, no mundo moderno, o processo de singularização do “indivíduo”. Este processo atualiza-se permanentemente ao longo da vida e diz respeito não apenas ao indivíduo com relação à sua família, mas refere, ainda, às formas alternativas de organização familiar frente ao “modelos” legitimados socialmente. O “crescimento” passa a ser entendido não verticalmente, mas horizontalmente como mudanças de lugares. (SARTI, 2004, p.120)

No tocante à relação família e escola, as reflexões advindas dos estudantes ressoam fortemente influenciadas pela vivência do dia da família na escola, ocorrido em abril desse ano. A categoria família *da* e *na* escola expressa muito bem os sentidos atribuídos pelos jovens estudantes quanto à presença da família na escola, bem como a rede familiar que se constrói no espaço escolar e fora dele também.

Os jovens, ao protagonizarem a organização do dia da família na escola, com a temática: família: amor além do tempo, demonstraram a capacidade de se organizarem em grupos e aprender a conviver em família, tudo isso para que seus parentes pudessem vivenciar momentos agradáveis no contexto escolar, como se pode comprovar:

Nesse projeto aprendemos a lidar mais com as diferenças e conseguimos ser um só, para ajudar o outro. (Bibi, 17 anos, 3ª série).

Nossa sala era dispersa, depois do projeto e gente se uniu. Juntos, sentimos um sentimento de irmandade, união, solidariedade, intimidade. Cada um deu o seu melhor pra que tudo desse certo. (Vick, 17 anos, 3ª série).

A minha sala é muito desunida. Os meus colegas só se preocupam com notas. E esse projeto é um aprendizado para a vida. (Duda, 16 anos, 2ª série).

O apoio de escola foi gratificante, Tivemos liberdade e espaço pra criar e tudo que fizemos valeu a pena. (Davi, 15 anos, 1ª série).

A visão de família *da* escola apresentada pelos estudantes, nos remete aos laços de amizade que se constituem na medida em que as relações interpessoais no espaços escolares se estreitam. A partir daí podemos depreender que a cada organização e execução do dia da família na escola, os jovens estudantes vivenciaram momentos de interação com seus pares, criaram e recriaram vínculos que os ajudaram a constituir-se enquanto pessoa no mundo; considerando as diferenças e as singularidades dos vínculos afetivos construídos nessa troca de saberes.

Nesse interim, a família constituída na escola é de fundamental importância na constituição da identidade do jovem. Segundo Carvalho (2012, p. 210), “nossa identidade se engendra em infinitas possibilidades proporcionadas pela experiência social”. Nesse sentido, a escola tem seu papel de formadora e de, no seu espaço, fomentar uma cultura que permite relações interpessoais cada vez mais intensas com vista a socialização dos jovens. A escola, sobretudo, a de ensino médio, etapa final da educação básica, torna-se um local privilegiado de transmissão cultural específica e de produção de sentido para as diversas práticas sociais, por assim dizer, produtora de identidades.

As escolas, portanto, funcionariam como fio condutor que une, orienta e exhibe todo um conjunto de referências acerca da construção da identidade dos adolescentes. Na visão dos jovens, a comunidade escolar lhes permite viver para além da burocracia e do tradicionalismo da transmissão dos bens culturais e da preparação para o mundo do trabalho. Por isso, “para além das instituições, as escolas são comunidades de vida e de destino, cujos membros vivem juntos e numa ligação absoluta” (BAUMAN, 2005, p. 15).

A presença da família *na* escola, por meio do projeto interdisciplinar “Família: amor além do tempo” demonstrou que os jovens são capazes de articular saberes e práticas pedagógicas em prol de um objetivo, que foi o de unir as famílias dos estudantes à grande família composta da comunidade escolar. Essa capacidade criativa, advém da relação com o saber que cada jovem constitui na medida em que estuda e apreende o conhecimento e o reconstrói.

Assim, uma experiência marcante promovida no supracitado evento, foi a realização de oficinas pedagógicas que tratavam de temas afins com a temática abordada. As oficinas foram ministradas e monitoradas pelos próprios professores e estudantes, tendo como público toda a comunidade escolar. Nessas oficinas, estudantes, pais, responsáveis e professores puderam discutir temáticas, (re) viver situações que refletem a realidade social e influenciam o comportamento dos jovens. Dentre os assuntos discutidos, destacaram-se as novas configurações familiares, a emancipação feminina, a ética e os valores sociais. Nessas oficinas, os saberes das diferentes gerações foram confrontados, e, pela mediação do professor, foram balizados e refletidos, tendo como pano de fundo a socialização do saber e a colaboração na formação identitária dos jovens estudantes.

Essa vivência das oficinas pedagógicas vai ao encontro de novas constituições de espaços criativos na construção do saber. Assim, Charlot (1996; 2000) nos ajuda a compreender que a relação com o saber implica fazer uma leitura positiva dessa realidade; liga-se à experiência dos alunos, à sua interpretação do mundo, à sua atividade. Esse sujeito, no caso o jovem estudante, age *no* e *sobre* o mundo; encontra a questão do saber como necessidade de aprender, produzindo a si próprio, por meio da educação.

Aprende-se porque se tem a oportunidade de aprender, em um momento em que se está mais ou menos disponível para aproveitar essas oportunidades. O espaço do aprender é um espaço— tempo partilhado com outros homens. O que está em jogo nesse espaço-tempo não é meramente epistêmico e didático. Existe, ainda, o saber como relação identitária. Aprender é tornar-se capaz de regular a relação e encontrar a distância conveniente entre si e os outros, entre si mesmo. (CHARLOT, 2000, p.206).

Ainda assim, Charlot (2014, p. 67), nos sinaliza que a escola “é um lugar onde o mundo é tratado como objeto e não como ambiente, lugar de vivência”. Dessa forma, a vivência do dia da família na escola, proporcionou aos jovens estudantes uma grande oportunidade de serem protagonistas de uma discussão muito importante no mundo contemporâneo.

Eles aprenderam que a família *na* e *da* escola são espaços de sua constituição identitária. Em suas similaridades e diferenças a família-escola e a família parental continuam sendo caminhos de vida e salutareis na formação do sujeito. Assim, os jovens, bem como os demais participantes do referido evento, tiveram a oportunidade de pensar, assim como Sarti (2004; 2008), a noção de família como uma “categoria nativa”, ou seja, de acordo com o sentido a ela atribuído por quem a vive, considerando-o como um ponto de vista.

CONCLUSÃO

As discussões que dinamizaram esse artigo se resumem na compreensão de que a ideia de família vai muito além do tempo. Família implica ser no mundo com o outro. Considerando essa premissa, a experiência, aqui, relatada, corrobora com o nascimento de práticas pedagógicas que dialogam com a juventude, fazendo-a entender a dinâmica das relações socioeducacionais e de como as suas experiências vividas no contexto escolar determinam a (re)constituição de suas identidades.

Logo, fica clara a ideia de que experiências como esta do dia da família na escola, proporcionam ao contexto escolar uma excelente oportunidade de se estabelecer uma relação com o saber ético e atitudinal que forma para a vida. Os estudantes em sua unanimidade admitem que este evento é crucial para suas vidas, pois eles se sentem mais autônomos, vivenciando assim uma identidade conciliadora e dialógica. No entanto, assumem também uma identidade “recalcitrante” quando reivindicam outros espaços dialógicos dentro da escola, para que possam discutir e viver mais a sua condição identitária.

Portanto, a escola básica, sobretudo a de ensino médio, necessita ressignificar suas práticas educativas, compreendendo que, tanto a família parental, quanto a família-escola, são contextos de desenvolvimento humano, porquanto palcos da formação identitária da juventude. Na rede de saberes que se constituem, o que realmente importa é vivenciarmos a condição humana do ponto de vista emancipatório, de modo a entender que os anos finais da educação básica, preparam não só a juventude para o vestibular e para o mercado de trabalho, mas também para a vida cidadã.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, Mauro. A construção das identidades no espaço escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n1, jan./jun.2012, p.209-227.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cad. Pesq.** São Paulo, nº97, maio, 1996, p. 47-63. Disponível em: www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/373.pdf. Acesso em: 01 ago de 2016.

_____. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª.ed. São Paulo : Cortez, 2014. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

SARTI, Cynthia. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Org.).

Famílias: redes, laços e políticas públicas.

4 ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2008, p. 31-48.

_____. **O jovem na família: o outro necessário**. In: VANNUCHI, Paulo e NOVAES, Regina (org.), **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 115-129.

[i] Mestre em Educação e Contemporaneidade. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação e Pluralidade Sócio-Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Psicopedagogia pela FACINTER- IBPEX. Especialista em Coordenação Pedagógica (UFBA). É docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Regional de Riachão do Jacuípe (FARJ). Atualmente é coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, Esporte, Cultura e Turismo (SMEECT) da cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia. Contato de e-mail: aliscosta@gmail.com.